



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES

LUCAS FRANKLIN SANTOS SILVA

“BOTA O TEU”:

Sarau de ocupação da praça do prato popular e de
manifestação da juventude de Maracanaú.

REDENÇÃO – CE

2018

LUCAS FRANKLIN SANTOS SILVA

“BOTA O TEU”:

Sarau de ocupação da praça do prato popular e de
manifestação da juventude de Maracanaú.

Trabalho de conclusão de curso em formato de projeto
de pesquisa apresentado ao curso Bacharelado em
Humanidades da Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira com a obtenção de título de Bacharel
em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Igor Monteiro

REDENÇÃO – CE

2018

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	04
2. TEMA.....	06
2.1. DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	06
3. OBJETIVOS.....	06
3.1. OBJETIVO GERAL.....	06
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	06
4. HIPÓTESE.....	07
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	08
5.1. ENTREVISTA 1.....	12
5.2. ENTREVISTA 2.....	13
6. METODOLOGIA.....	17
7. ANEXOS.....	21
REFERÊNCIAS.....	23

1. INTRODUÇÃO

Quando pensei em fazer este projeto de pesquisa pensei em uma temática em que eu já tivesse uma certa atividade dentro dos respectivos campos para pesquisa. Então optei pelo sarau. Um sarau em que eu já participava desde sua criação, que é o “Bota o Teu”. Diante disto, não quero limitar-me apenas ao sarau, pretendo fazer uma dialética de sua importância em relação ao seu ato político e muitas vezes de ocupação das praças públicas. Pretendo também enfatizar muito bem os números artísticos, se tem ou não uma performance de resistência e ato político em sua apresentação.

Uma das minhas maiores motivações, além de já frequentar o campo, é o processo de ocupação criativa, das inscrições de performances através da arte para mobilizar a praça, e dar um novo significado a ela por meio da juventude levando arte para ser partilhada e refletida entre os demais. Com uma abordagem poética e musical em sua performance. No entanto, o “Bota o Teu” é bem mais que a performance. O sarau tem uma responsabilidade de unir a juventude, de reunir o máximo de pessoas possíveis para levar a arte para diversos sujeitos. Em um estado que não dá a mínima para a juventude, que pouco se organiza para elaborar projetos para essa faixa etária, faz com que seu povo carente se organize e faça com que crie seus próprios projetos como o “Bota o Teu” para reivindicar e expressar as demandas e as necessidades da juventude maracanaense.

A falta de Estado, de políticas públicas para o lazer e cultura da juventude de Maracanaú, fez com que fosse um dos fatores essenciais para a criação do “Bota o teu”, pois este sarau teve ideia a partir dos jovens do município que se organizaram e criaram uma forma de se unificar com outros sujeitos e criar elementos de resistências e que chamem a atenção para vários problemas causados e esquecidos pelo Estado.

Então o “Bota o teu” tem importância não apenas de apresentar arte, levar lazer e cultura para a população, mas também há a grande importância de ocupação do espaço, de chamar a atenção das diversas falhas do Estado e sua ausência, e também mostrar como é possível a juventude se organizar, e que é de

grande importância essa organização para resistir e lutar contra as amarras políticas de Maracanaú.

Então pesquisar sobre o “Bota o Teu” não é apenas ir a campo e observar o sarau, é analisar sua importância não apenas na praça do prato popular, mas também sua capacidade de transformação urbana e de manifestação para o município. Pois o sarau provavelmente tenha capacidade de mexer não apenas com a praça e os sujeitos que frequentam o “Bota o Teu” em seu ato, mas também com as forças políticas do município que talvez, de alguma forma, sintam-se ameaçada ou que, pelo menos, abra os olhos para aquela nova manifestação que está surgindo em Maracanaú.

2. TEMA:

“Bota o Teu” na praça do prato popular em Maracanaú.

2.1. DELIMITAÇÃO DO TEMA:

Os prováveis diversos processos de transformações causados pelo “Bota o Teu” na possível dialética entre arte e política.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL:

Refletir e discutir a dialética entre a arte e a política por meio do “Bota o Teu”

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Analisar o conjunto de performances que dão sentido e que são mobilizados pelos sujeitos que constroem o “Bota o Teu”;
2. Refletir os efeitos causados pela mobilização do “Bota o Teu” na praça do prato popular;
3. Identificar as possíveis mudanças e transformações urbanas a partir das performances consequentes do “Bota o Teu”;

4. HIPÓTESE

A juventude de Maracanaú com a falta de Estado e de projetos políticos para si, cria um sarau e prática o mesmo com a intenção de dar um novo significado a praça do prato popular e chamar a atenção para as emergências do município.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O “Bota O Teu” é um sarau que ocorre na praça do prato popular em Maracanaú a cada 15 dias nas sextas-feiras. O sarau começa às 18:30 e geralmente vai até as 22:00 horas. Conta com um apresentador, que convoca os recitadores que deram seu nome para se apresentarem. O evento tem como objetivo reunir em sua maioria o público jovem de Maracanaú para apresentar números artísticos. Esses números artísticos têm como finalidade um ato político, seja na música ou na poesia. As apresentações são aleatórias, qualquer pessoa pode apresentar, deve apenas dar seu nome para alguns dos organizadores e aguardar pelo chamado para fazer sua apresentação. O público fica sentado em um banco de concreto que dá uma meia volta, o recitador fica mais adiante, no centro. O sarau não tem um palco, mas tem um microfone e uma caixa de som para quem for apresentar. O público fica bem à vontade, o uso de bebidas alcoólicas é extremamente comum e inclusive há uma comercialização de cachaça artesanal no sarau. Além da cachaça artesanal, também existe um bazar, fazendo comercialização de roupas.

O “Bota o Teu” não tem nenhum contato formal com administração institucional e nenhum ofício de ocupação do espaço em determinada dia e hora. Embora já tenha feito belas apresentações em escolas da rede pública de Maracanaú, com a intenção de levar arte e conscientização para os estudantes secundaristas. O “Bota o Teu” já fez também, apresentações em uma ocupação realizada por professores, na câmara dos vereadores, na greve dos professores da rede municipal de Maracanaú.

A praça do prato popular onde ocorre o sarau, não é apenas um local conhecido por ser a praça do prato popular e por ser a praça do “Bota o Teu”. A mesma também tem uma história praticada por outros grupos antes mesmo do sarau chegar até lá.

A praça leva esse nome popular de praça do “prato popular” devido a iniciativa da prefeitura de Maracanaú de inaugurar em 2004 um mecanismo para atender as necessidades alimentícias das classes mais baixas do município.

Hoje em dia o prato popular realiza 600 refeições por dia, de segunda a sexta-feira no horário de 10:45 às 13:00 horas. A população que faz uso deste serviço, precisa estar devidamente cadastrada no cadastro único do governo federal ou no Bolsa Família e beneficiários dos projetos da Secretária de assistência social de Maracanaú. Além do cadastro, o preço do almoço é de R\$ 1,00.

A praça tem uma movimentação bastante intensa no horário de almoço, enquanto há funcionamento do prato popular. No entanto, fora deste horário, a praça é frequentada muita das vezes por jovens, moradores de ruas que usam do espaço para dormir, ou grupos de pessoas que vão para usar algum tipo de drogas ilícitas.

A praça é bem centralizada. Ela fica ao lado do hospital municipal de Maracanaú, de frente para uma quadra poliesportiva, bem próximo da mesma, há também uma agência dos correios e um banco, o banco do Brasil. Em uns 500 metros da praça, também fica a principal praça da cidade, que é a praça da estação – onde fica a estação do Maracanaú da linha sul do metrô da região Metropolitana – que foi recentemente reformulada.

Durante um certo período, logo no início da década, entre 2010 e 2013, um grupo titulado por “Os emos”, frequentava a praça com certa frequência, geralmente no turno da noite, eles se reuniam e passavam horas sentado, ouvindo músicas e fazendo consumo de álcool e cigarros. Era um grupo jovem, que via ali, naquela praça, um local de encontro e resistência para o ambiente. Todavia, esse grupo parou de frequentar a praça, em uma constante que pareceu ser natural, alguns membros pararam de frequentar a praça e com isso a praça deixou de ser frequentada por esse grupo, perdendo um pouco de sua vivência, sendo frequentada por outros grupos, como moradores de ruas e usuários de drogas ilícitas.

O antropólogo Michel Agier (2015) em seu texto “Do direito à cidade ao fazer cidade”, fala que a cidade é feita de movimentos. Isso explica o porquê dos inúmeros grupos que já frequentaram a praça do “prato popular”. O autor usa logo em seguida o conceito científico da relatividade para pensar o urbano. Ele fala que este princípio pode ser aplicado na dinâmica urbana, principalmente na dialética do tempo e espaço para se pensar a “cidade objeto”. O autor ainda reafirma que os

pesquisadores devem apoiar o uso deste conceito enquanto pesquisa da cidade, pois a mesma está sempre em transformação, dinâmica e que devem ser livres dos saberes normativos e institucionais das amarras políticas.

Michel Agier (2015) usa o exemplo dos refugiados para o fazer-cidade dos cidadãos sem cidade. Ele fala que esses cidadãos que fogem de suas cidades em busca de abrigo em outras cidades e geralmente, encontra nos lugares mais periféricos o local de se fazer-cidade. E nesses locais, os cidadãos fazem o seu novo lar, a sua nova cidade. Eles trabalham com aquilo que lhe estão dados, como a madeira, arames, terra para cultivo, água. E com esses objetos erguem uma arquitetura para habitarem e se desenvolverem e até mesmo, receber novos refugiados. O autor ainda fala dos processos de ocupações dos espaços que muitas das vezes são classificadas pelos poderes institucionais e normativos como “invasão”. Ele fala este contexto no sentido das periferias, que muitos povos sem espaço, lugar e cidade, vão para as periferias, lugares esquecidos pelos poderes institucionais, logo estão “vazio” e que quando são ocupados gera um certo movimento por parte dos poderes para que esses povos não tenham condições de habitarem aquele lugar. E quando são permitidos, eles fazem uso de um certo suborno eleitoral para que aqueles povos possam permanecer ali sem serem incomodados pelas esferas institucionais.

Então ouse-me arriscar em usar o exemplo do autor -das ocupações e dos povos que fazem o espaço, a cidade quando não se tem seu próprio espaço- para analisar o sarau “Bota o Teu” na praça do prato popular. Já que a praça era um local que tinha perdido seu público jovem, que tinha perdido grandes encontros para realizações de eventos. O “Bota o Teu” serviu justamente para “dar um novo sentido” a praça. Um local que estava “vazio” de eventos, a juventude não via o espaço como atrativo para frequentar, então a chegada do sarau deu um novo significado a praça, que hoje faz parte da vida de muitas pessoas que frequentam o “Bota o Teu”. Essa ocupação da praça veio de forma pequena e devagar. A ocupação do espaço além de dar sentido para a praça, serviu para encontro da juventude de Maracanaú. Um município sem grandes eventos para a juventude, que não tem muitos lugares para encontro, faz com que a própria juventude “(re)invente” seu espaço. E o “Bota o Teu” além de “reinventar” o espaço, ele gerou um novo ponto de encontro e evento para

uma juventude pobre de locais para ocupar e fazer a cidade, pois é um direito do povo fazer, ser e estar na cidade.

O autor Zeca Ligiéro (2017) usa o conceito de “comunidade relâmpago” criado por ele mesmo para manifestações culturais e artísticas que acontecem transformando o espaço e se relacionando como manifestações políticas. Acredito que este conceito se encaixa perfeitamente com o “Bota o Teu”. Pois o sarau – querendo ou não- tem como objetivo transformar o espaço, dar uma nova vida e sentido a praça. E além disso, as apresentações artísticas que ocorrem tem um sentido político de manifestações.

O sarau é uma comunidade relâmpago que traz à tona a discussão da atual situação política do globo em um mundo cada vez mais conectado. E essas discussões servem até mesmo, para unificar os sujeitos de forma mais horizontal, já que em um mundo cada vez mais globalizado, a crescente individualização dos sujeitos, a verticalidade tende a ser mais existente. E é justamente nesse momento, das apresentações artísticas, das ações performáticas, da atuação política pelo performer, que há uma unificação dos sujeitos, de conexões mais horizontais e que podem ser feitas mudanças no espaço ou nos próprios sujeitos.

O autor fala de um fenômeno híbrido entre as manifestações artística e política. Penso eu, que esse processo de hibridez não é apenas entre as performances artísticas e as manifestações políticas. Ele também ocorre entre os sujeitos, pois dentro do espaço há um pluralismo cultural gigantesco. Também há uma diversidade enorme de pensar, de estar e de ser. E de alguma forma, esse pluralismo se aproxima de uma hibridização dos sujeitos, que são atingidos –de forma diferente e pessoal- pela performance.

Nas apresentações artísticas faz se uso do corpo o tempo todo, seja ela através da fala, da mímica, pela postura e até mesmo pelo ritmo. Essa expressão do corpo também se dá de forma mais sexual, pois a nudez do corpo gera uma manifestação enorme, mesmo que seja em silêncio. E ela sofre resistência, seja através das forças contrárias, de caráter mais conservador ou até mesmo religioso, que acha totalmente profano o uso e a exposição do corpo. Mas também ocorre resistência de quem faz a performance, que não deixa de se manifestar pelas opressões vividas que tentam censurar o performer.

Para De Certeau (1994), todo espaço é um lugar praticado. Aquela praça, que funcionava apenas pelas manhãs para dar auxílio as pessoas com mais necessidades no município de Maracanaú, com a chegada do “Bota o Teu” ganhou mais atividade para ser praticada. Agora há uma ocupação da juventude, que está cada vez mais em crescente e aglomerando a praça, fazendo um ato político contra todas as amarras da sociedade e da classe política, e unindo a juventude maracanauense, dando a possibilidade de mais uma forma de lazer, já que perante a falta de projetos políticos do estado, que deixa a desejar com a juventude, o “Bota o Teu” tenta expressar as necessidades sentidas pela população do município, sempre tentando resistir e lutar contra as forças que esquecem e excluem diversos grupos em Maracanaú.

Como eu frequento o sarau bem antes de ter a ideia de fazer um projeto de pesquisa sobre o “Bota o Teu”, achei importante coletar dados através de entrevistas realizadas com dois jovens que frequentam o sarau, o Ítalo e o Caleb. Acredito que isto me ajudará a refletir melhor sobre o campo de pesquisa e que torne minha análise sobre o sarau mais crítica e que me faça distanciar-me o suficiente para discutir sobre o “Bota o Teu”. Além de ter visões diversificadas de sujeitos e agentes do sarau.

As entrevistas foram realizadas nas casas de cada entrevistado e foram gravadas e reescritas por mim.

5.1. ENTREVISTA 1

1- Caleb, como surgiu a ideia de fazer um sarau em Maracanaú?

R. Andando por aí na cidade a nos deparamos com lugares ótimos para passar um tempo, se divertir, pensar e etc... E percebemos que esses lugares estão mortos para juventude, ninguém chega, pois, a rua diz que ali não se pode chegar porque é perigoso. Então veio a ideia de revitalizar as praças do Maracanaú com muita poesia, música e alegria.

2- Por que a praça do prato popular foi escolhida para acolher o evento?

R. Porque aquela praça que um dia já foi movimentada, é um lugar lindo e organizado, porém não frequentado. Então ela foi a primeira praça onde demos o melhor de nós para revitaliza-la.

3- Como é feito a divulgação do evento para chamar o público?

R. Ela é feita nas redes sociais, lugar onde encontramos mais facilidade para convidar o público.

4- Qual tipo de público que vocês mais querem alcançar?

R. Nós não temos um público específico para atingir, no sarau vemos gente de todas as idades sempre se divertindo e interagindo.

5- O sarau tem algum objetivo político?

R. Nenhum.

6- Como você enxerga as reações das pessoas logo no primeiro contato com o sarau?

R. Elas ficam encantadas, a maioria não sabe como funciona um sarau. Chego lá, e só consigo observar o encantamento delas por algo tão lindo que é povo fazendo arte para o povo.

7- Qual cenário você que espera em um futuro próximo para o Bota O Teu?

R. Espero ver, no futuro, o Sarau visitando todas as praças da cidade, mostrando a alegria que dá quando fazemos arte por arte.

5.2. ENTREVISTA 2

1- Ítalo, qual foi seu primeiro contato com o Bota O Teu?

R. Meu primeiro contato foi através do Igor Cândido (um dos organizadores do sarau), que me convidou, a priore, para organizar o evento. Mas como invariavelmente só poderia ser na sexta, e sexta eu ainda estou em Redenção, eu não aceitei organizar, mas disse que daria todo apoio.

2- Você enxerga alguma real importância do Bota o Teu no seu público alvo?

R. A Importância é real. A ideia deve ser incentivada. Mas a publicidade não deveria fazer parte do projeto, mas eu já fiz críticas explícitas ao evento.

3- Você como poeta e recitador no sarau, como você se sente apresentando algum número? Como você enxerga a reação do público no que você apresenta?

R. Eu me sinto bem por ter liberdade, mas não há reflexão. As pessoas não parecem dispostas a refletir. E não parecem nem ouvir, muitos vão apenas para beber e rever os amigos, o objetivo era, no mínimo, fazer refletir. Ninguém entende nada.

4- Qual a sua crítica para a organização do sarau?

R. A minha crítica é aquela que você bem sabe. Que está em “Botha, O teu. ”

(Terei que inserir a poesia em que o entrevistado citou, e que ele mesmo realizou fazendo sua crítica ao sarau. Então para melhor compreensão da entrevista e do que o entrevistado quis dizer, colocarei o poema logo a baixo.)

“Botha, o teu.

APARTHEID!

Cês pensam que eu não noto os narizes
torcidos de racismo aqui entre vocês?

Essa pompa de poeta,
essa tentativa de aparecer,
essa indisposição pra mudar.

Filósofos de bar,
que a cara cheia não
produz filosofia maior
que a perpetuação
do lugar comum.
Palmas!

Na loucura de ter musas,
aqui enaltece mulher,
na vida privada
quer controlar.

Cês pensam que
eu não enxergo a
misoginia?

Pensam: Que cego!
Que não vê o que se faz
do que é coletivo...

E qual é o objetivo
de tudo isso aqui?
Senão pra mudar?
Quantas reflexões
vocês comeram no
café da manhã?

Sarau não é rolê,
não é pra ser.
E eu até deixei
a barba crescer,
para, como Jesus,
poder vir aqui e dizer:

Não monetizem
a casa do meu pai!
Eu sou filho da poesia.
Vocês não filhos de quem?
Do status?"

Na primeira entrevista vejo que o jovem Caleb fala da inspiração de criar o Bota o Teu. A ideia de revitalizar as praças da cidade, de criar um movimento para a juventude é incrível. Sobretudo a praça do prato popular, que é uma praça tão bem localizada, cheia de história e tão vivida por diversos grupos do povo de Maracanaú.

No entanto, acho que como organizador do Bota o Teu, faltou ao entrevistado um pouco mais de sinceridade ao analisar o sarau. Já que para ele, as pessoas ficam encantadas com as apresentações, com os números artísticos. Eu como pesquisador, que fui a campo, discordo um pouco do entrevistado.

Já na segunda entrevista, com o poeta Ítalo Alves, ele fala um pouco melhor sobre o que acontece realmente no Bota o Teu. Ele cita o público disperso, as pessoas que estão ali apenas para ingerir bebida alcoólica e não faz nenhuma reflexão sobre o que está sendo apresentado. Percebo que isto tem muito a ver com

a carência da juventude de Maracanaú que é pobre de “rolê”, de festas para sua faixa etária, e quando ocorre um evento de uma conjuntura mais reflexiva, que há de se ter um pouco mais de concentração para o espetáculo, isso não acontece. Pois esta juventude está mais interessada em rever os amigos, em se divertir da forma em que ela acha melhor.

6. METODOLOGIA

Para fazer este projeto de pesquisa, foi preciso uma ida ao campo com um viés de pesquisador, já que eu sempre frequentava o sarau, mas apenas como telespectador, e desta vez mudei meu foco, meu olhar dentro do sarau para elaborar o projeto. Entrevistei duas pessoas, um dos organizadores, Erick Caleb, de 19 anos, jovem estudante de pedagogia na Universidade Estadual do Ceará. E o Ítalo Alves, de 22 anos, que além de poeta e um dos recitadores mais frequentes no sarau, é estudante do curso de letras na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Acredito que dentro da pesquisa etnográfica, cada pesquisador precisar ter todos os sentidos críticos para analisar e refletir melhor sobre o campo. Para Roberto Cardoso (1996), os pesquisadores precisam ter o “Olhar etnográfico”, que torna o pesquisador mais fiel à sua observação. Esse olhar para Cardoso, é olhar treinado e sensibilizado a escrutinar melhor ao redor do campo e do seu objeto. Então quando pensei em pesquisar o “Bota o Teu”, precisei observar o sarau de forma mais crítica e deixar minha afetividade de lado. Assim pude perceber diversos fatores que não estavam tão dados assim, que apenas um olhar mais crítico e reflexivo que consegui observar tais fatores.

Outro sentido essencial para a pesquisa foi o ouvir. Tentei estabelecer um diálogo que fosse em um formato agradável para os entrevistados e que eles não se sentissem com medo de falar o que realmente achasse, mas que também não prejudicasse a coleta de dados por meio da entrevista. Com isso, usei mais uma vez os métodos de Cardoso (1996), onde ele fala que:

Acreditar ser possível a neutralidade idealizada pelos defensores da objetividade absoluta é apenas viver numa doce ilusão... trocando ideias e informações entre si, etnólogo e nativo, ambos igualmente guiados a interlocutores, abrem-se a um diálogo em tudo e por tudo superior, metodologicamente falando, à antiga relação pesquisador/informante. (CARDOSO, 1996, p. 21)

Então preferi não estabelecer uma relação de pesquisador e informante, mas elaborar um diálogo que pudesse compartilhar experiências, visões críticas e reflexivas de cada entrevistado.

Wright Mills (1965) usa o conceito de “imaginação sociológica” para elaborar sua ideia metodológica em uma pesquisa. O autor fala que:

São os centros intelectuais dos estudos clássicos do homem na sociedade - e são perguntas formuladas inevitavelmente por qualquer espírito que possua uma imaginação sociológica. Pois essa imaginação é a capacidade de passar de uma perspectiva a outra
(MILLS, 1965, p. 13)

Então, ousei em fazer a tentativa de fazer uma possível dialética entre arte e política envolvendo a dinâmica dentro de uma praça pública. Essa “imaginação sociológica”, junto com um olhar e ouvir mais crítico, fez com que eu pudesse analisar alguns pontos do sarau que antes, apenas como frequentador do “Bota o Teu”, eu não tinha essa perspectiva.

Em minhas observações como pesquisador, encontrei atos que ainda não tinha observado. Algumas intrigas, segregações entre o próprio público do sarau. Jovens que ali estão apenas para encontrar-se com outras pessoas ou apenas para consumir bebidas alcoólicas. Com um público que frequenta a praça no momento do sarau apenas para diversão e não para assistir e refletir sobre o que está havendo no sarau em si. Pessoas conversando na hora das apresentações, atrapalhando não apenas o recitador, mas também quem tem a intenção de realmente assistir e ouvir o que está sendo apresentado. Não acho que esta atitude seja incorreta, mas fica claro que a falta projetos para cultural para a juventude de Maracanaú é tão grande, que gera este tipo de situação no sarau, esta falta de reflexão e concentração nos números apresentados pelos poetas.

Todavia, há de se destacar a beleza do espetáculo que é o Bota o Teu, que consegue unir grandes talentos, grandes poetas e que fazem grandes números. E quem ver, quem consegue refletir sobre o que está sendo apresentado, eu acredito que consegue mudar a sua forma de agir a partir daquele momento. Embora não consiga fazer com que todas reflitam, o sarau abre espaço para o encontro da juventude de Maracanaú, que se aproveita do Bota o Teu para rever amigos, se divertir de forma geral. E só esta união faz com que esse espaço seja praticado dando uma certa vida a praça. Faça com que a praça ganhe uma

vivência maior e que não esteja tão dispersa, tão “esquecida” e que não vire um local hostil. Pois este movimento da juventude de se unir, de se aglomerar em determinado espaço e praticá-lo, gera um certo desconforto em quem nega lazer, projeto políticos para seu povo. Pois a falta do Estado faz com que a própria juventude unifique - se e realize seu próprio ambiente, seus próprios projetos e lute contra este Estado que tanto lhe falta.

Diante disso, com alguns questionamentos pessoais depois da pesquisa sobre o sarau, refletindo sobre o campo, veio-me uma realidade meio triste, mas nada que me impeça de frequentar o sarau, pelo contrário, pretendo ir mais adiante, em uma outra oportunidade de estudar o campo, pretendo fazer conexões com outras possibilidades.

7. ANEXOS



(Fonte: Foto de um dos primeiros eventos do “Bota o Teu” na praça do prato popular.)¹



(Fonte: Feira de livros no sarau “Bota o Teu”).²

¹Disponível:<https://www.facebook.com/SarauBotaOTeu/photos/a.221204311737519.1073741828.215625088962108/221203861737564/?type=3&theater>

²Disponível:<https://www.facebook.com/SarauBotaOTeu/photos/a.221204311737519.1073741828.215625088962108/276130262911590/?type=3&theater>



(Fonte: Foto de uma das últimas realizações do “Bota o Teu.”)³

³Disponível: [://www.facebook.com/SarauBotaOTeu/photos/a.215625388962078.1073741827.215625088962108/317327705458512/?type=3&theater](https://www.facebook.com/SarauBotaOTeu/photos/a.215625388962078.1073741827.215625088962108/317327705458512/?type=3&theater)

Chamo a atenção para a foto pelo aglomerado de sujeitos na praça em relação a primeira foto.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e ao centro. *Mana* vol.21 no.3 Rio de Janeiro Dec. 2015

LIGEIRO, Zeca. Performances na rua e as comunidades-relâmpagos: re-humanizando espaços da cidade. *Revista ArteFilosofia*, 2017

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, p. 13-37, 1996.

MILLS, Charles Wright. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.